

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

2º BIMESTRE

AUTORIA

GIULIANA ANDREA COELHO SIMAO BARRETO DE SOUSA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

CONSPIRAÇÃO

(Moacyr Sciliar)

Sempre que faltava um professor, Dona Marta o substituíá. Lecionava canto; a disciplina era considerada de importância secundária, e além disso suas aulas eram péssimas – mas, em compensação, ela estava sempre disponível. De manhã, de tarde, de noite. Morava no colégio, praticamente. Quando chegávamos, pela manhã, já estava sentada na sala dos professores, sempre com aquele sorriso, meio sofrido, meio idiota; e ficava na escola mesmo depois que saíam os últimos alunos do noturno. Esperava um irmão que vinha buscá-la; como ninguém nunca tinha visto esse irmão, circulava a história de que ela dormia no sótão do colégio. Que comia lá, era certo. Ao meio dia ia para um banco, no pátio, tirava de sua sacola um sanduíche e ficava mastigando, melancólica.

Um dia não veio a professora de português. Trouxeram a Dona Marta. Entrou na sala de aula, no seu andar vacilante, cumprimentou-nos, pediu desculpas pela ausência da colega. E anunciou que não nos faria cantar: estava rouca (coisa difícil de comprovar; sua voz tinha normalmente um timbre enrouquecido. O que era motivo de deboche; Goela Enferrujada, era seu apelido. Que ela ignorava, ou fingia ignorar).

*- Vamos fazer uma coisa diferente – disse. Tentou assumir um ar misterioso, cúmplice:
- Vamos fazer de conta que estamos na aula de português, certo? Quero que vocês escrevam uma composição. Sobre qualquer tema, à escolha de vocês. Depois escolherei cinco alunos, ao acaso; lerão suas composições e o melhor ganhará um prêmio.*

Fez uma pausa e acrescentou:

- Aqui está.

Tirou da bolsa um chocolate. Uma barra de chocolate ordinário, pequeno. E aquela barra ela segurou no ar pelo menos um minuto, sorrindo, feliz.

O nosso era um colégio de filhos de gente rica. Chocolate? Ouvi risinhos de mofo. Mas nesse momento o diretor apareceu à porta e lançou-nos um olhar severo. Pusemo-nos imediatamente a trabalhar.

Eu tinha certeza de que não seria escolhido para ler. Nunca era escolhido para nada, e nem queria. Isto, e mais o fato de que na época andava lendo muito livro de mistério, talvez explicasse o título de minha composição, “Conspiração contra os cegos”. Nela, eu descrevia um distante país, governado por uma casta de cegos; rei cego, ministros cegos, generais cegos, todos oprimindo cruelmente o povo. Que não podia se voltar, e sequer conspirar: os ouvidos aguçadíssimos dos cegos captavam qualquer murmúrio de descontentamento. Mesmo assim, líderes resolutos conseguiram organizar uma conspiração, baseada só na palavra escrita. Livros eram publicados contra os cegos, revistas, jornais. Toda a articulação anticegos era feita por escrito. Finalmente a oligarquia era derrubada e um novo rei assumia. Seus primeiros atos: destruir as impressoras, fechar os jornais e declarar ilegal a alfabetização.

Terminei a composição e fiquei quieto, aguardando. Os outros iam terminando também. Prontos? Perguntou ela. Todos responderam que sim. Menos eu. Fiquei quieto. E contudo, foi para mim (muito azar!) que ela apontou seu dedo vacilante.

- Você... Como é seu nome?

- Oscar – respondi – (mentira; meu nome é Francisco Pedro; alguns risinhos abafados se ouviram, mas eu fiquei firme).

- Bonito nome – ela, sorridente. – Leia sua composição para nós, Oscar.

Não havia como escapar. Dei uma olhada na folha de papel, e, depois de uma pequena hesitação, anunciei:

- Escrevi sobre um passeio no campo.

Ela sorria, aprovadora. Conteí então sobre um passeio no campo. Descrevi a paisagem: as árvores, o riacho, as vacas pastando sob um céu muito azul. Concluí dizendo que um passeio no campo nos ensinava a amar a natureza.

Muito bonito, ela disse, quando terminei. E acrescentou, emocionada:

- Eu gostaria de guardar sua composição.

Não vale a pena, eu disse. Mas eu quero, insistiu ela. Não vale a pena, repeti. Ela riu: ora, Oscar, não seja modesto, me dê a sua composição.

- A composição é minha – eu disse – e faço com ela o que quero. Esta aula era para ser de canto, não de português. A senhora não tem o direito de me exigir nada.

- Vou pedir pela última vez – disse ela, e sua voz agora tremia. – Quero sua composição. Por favor.

Peguei a folha de papel e rasguei-a, em meio a um silêncio sepulcral.

Não disse nada, mas todos podiam ver as lágrimas correndo-lhe pelo rosto. O que me surpreendeu: eu não sabia naquela época, que os cegos podem chorar.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Uma história é contada por um narrador que, diante dos fatos apresentados, pode assumir um ou outro ponto de vista: personagem ou observador.

Releia este trecho do conto *Conspiração* e reconheça o tipo de narrador, justificando sua resposta com elementos do texto.

Terminei a composição e fiquei quieto, aguardando. Os outros iam terminando também. Prontos? Perguntou ela. Todos responderam que sim. Menos eu. Fiquei quieto. E contudo, foi para mim (muito azar!) que ela apontou seu dedo vacilante.

Habilidade trabalhada

Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

No conto *Conspiração*, o narrador participa do enredo da história. Trata-se de um narrador-personagem. Isto se pode comprovar por meio das estratégias linguísticas como o uso de pronomes e verbos em primeira pessoa, como “eu” e “mim”; “fiquei”.

QUESTÃO 2

Em “*Conspiração*”, o problema a ser superado é a leitura da composição feita pelo narrador-personagem, que ele tinha certeza que não precisaria ler, pois nunca era chamado para nada na sala de aula. A partir dele será desenvolvida a parte do enredo que denominamos **complicação**. Tendo como base essas informações, aponte, no conto *Conspiração*, o fato que desencadeia a complicação.

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta comentada

No conto *Conspiração*, a leitura da composição pedida pela professora é o conflito da história. O fato que desencadeia a complicação, que deverá ser identificado pelo aluno como resposta para esta questão, é o momento em que a professora aponta o dedo para o narrador-

personagem e pede para que ele leia sua composição e ele decide inventar outra história que não é a escrita. Nota-se que o desenrolar dessa ação caminha para a parte que desperta maior perturbação da narrativa (clímax), que é o momento em que a professora pede-lhe que a dê a composição.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

As figuras de linguagem referem-se à significação das palavras, que podem se distanciar de sua significação convencional. Utilizamos esses recursos para realçar o que queremos dizer ou mesmo para que nosso interlocutor tenha uma ideia mais clara daquilo que queremos comunicar.

Identifique no trecho abaixo destacado a figura de linguagem existente.

Peguei a folha de papel e rasguei-a, em meio a um silêncio sepulcral.

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada

O aluno deverá ser capaz de identificar no trecho “*silêncio sepulcral*” que se trata de uma metáfora, que ocorre quando um termo substitui outro devido a uma relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles.

TEXTO GERADOR II

O FASCÍNIO IRRESISTÍVEL DA MULHER: YARA

Em tupi, Yara significa a “mãe das águas”. Sua estória está ligada ao fascínio próprio da mulher. Até a morte, diante do amor se torna doce. A busca da mulher amada produz um sentido de vida e de realização tão profundo que para o amante não há obstáculo, por maior que seja, que lhe pareça insuperável. O amor tudo pode, tudo suporta, tudo empreende. O amor nunca se acaba. Mas aí do homem que não sabe se conduzir diante desta força avassaladora que representa a atração da mulher desejada. Pode ser tragado definitivamente por ela. Assim ocorreu com os amantes de Yara, que não souberam identificar seu fogo interior.

Yara, linda mulher cor de jambo, de traços finos e de figura soberba, vivia passeando pelas praias do Amazonas. Gostava de banhar-se em igarapés tranqüilos e de águas claras. Os jovens a seguiam para conquistar-lhe a atenção, o coração. Os velhos a olhavam com olhares lânguidos, sabendo de antemão da impossibilidade de qualquer favor.

Yara via e sentia tudo. Mas se dava demasiada importância, negando-se a todos. Passava, altaneira, como se desfilasse, solitária, diante de uma multidão de admiradores. Fazia ouvidos moucos tanto aos elogios educados de alguns quanto aos assobios atrevidos de outros.

Certo dia, o sol já posto, estava linda Yara divertindo-se inatenta nas águas corredias do igarapé que mais apreciava. O tempo corria e ela se entregava ao prazer do corpo que emergia, ainda mais fascinante, do borbulhar das águas.

Eis que escutou vozes barulhentas se aproximando. Não eram seus irmãos e irmãs da tribo. Voltando-se, viu que eram homens brancos. Falavam uma língua estranha, com sons de agressividade. Traziam botas pesadas e roupas rudes. Seus olhares eram de cobiça e não de enternecimento. Pareciam animais famintos. As vozes em sua direção se faziam ameaçadoras.

Yara, feminina, tudo pressentiu. Tentou fugir. Seu corpo era escorregadio e ela ágil. Mas mãos fortes a agarraram. Eram muitas. Todas a tocavam em todas as partes.

A intimidade foi ameaçada. Com violência foi jogada ao chão. As areias, antes macias, agora pareciam espinhos. Yara foi amordaçada e imobilizada. Por fim, violada por todos, um após o outro, em fila. Yara desmaiou. Parecendo morta, foi jogada ao rio. Os homens animalizados se afastaram no escuro da mata. Fez-se noite.

O espírito das águas teve imensa pena de Yara. Acolheu seu corpo machucado. Inspirou-lhe vida e devolveu-lhe todo esplendor de sua beleza. Mas, para que não pudesse nunca mais ser violada, transformou-a em sereia.

Metade de seu corpo, a parte de cima, é de mulher, fascinante, de olhos de mel e de cabelos longos e luzidios. Os homens sentir-se-ão atraídos por ela. Jogar-se-ão atrevidos e loucos às águas para agarrá-la, abraçá-la e beijá-la.

Mas a outra metade do corpo, a de baixo, escondida nas águas tem a forma de peixe. Com isso pode viver sempre nas águas como em sua casa. Conversa com os peixes grandes e pequenos, que brincam ao seu redor, beliscando-lhe inocentemente a pele cor de jambo.

Mas ai daqueles que lhe quiserem fazer mal, agarrá-la com violência e arrancar-lhe o afeto. Yara os toma, firme, pelas mãos e os leva, como se estivessem enfeitiçados, para as águas profundas.

E nunca se ouviu dizer que alguém voltou de lá vivo.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

As ações e os pensamentos de uma personagem podem ser transmitidos em um texto pelo discurso direto ou indireto. No conto lido, o narrador expõe, com suas próprias palavras, a essência do que pensava o espírito das águas, o que caracteriza o discurso indireto.

Considerando as informações anteriores, indique trechos da narrativa em que se evidencia esse uso.

Habilidade trabalhada

Identificar o uso do discurso direto e indireto.

Resposta comentada

Normalmente, a ocorrência dos diferentes tipos de discurso é introduzida por verbos denominados *dicendi*. Um exemplo que poderia ser apresentado como resposta seria: “*conversa os peixes grandes e pequenos, que brincam ao seu redor, beliscando-lhe inocentemente a pele cor de jambo.*”

QUESTÃO 6

As figuras de linguagem referem-se à significação das palavras, que podem se distanciar de sua significação convencional. Utilizamos esses recursos para realçar o que queremos dizer ou mesmo para que nosso interlocutor tenha uma ideia mais clara daquilo que queremos comunicar.

Identifique no trecho destacado uma figura de linguagem presente.

Traziam botas pesadas e roupas rudes. Seus olhares eram de cobiça e não de enternecimento. Pareciam animais famintos. As vozes em sua direção se faziam ameaçadoras.

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada

O aluno deverá ser capaz de identificar no trecho “*Pareciam animais famintos*”, uma figura de palavra que é a comparação, pois existe no confronto de dois elementos que mantêm uma relação de semelhança entre si, no caso, os homens brutos e os animais.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7

Produza um conto, com base nos contos lidos no roteiro e em sala de aula, o texto deverá ser individual. Você pode escolher em um conto como o de Moacyr Sciliar, que narra um acontecimento ou em um conto indígena que explica a origem de alguma coisa ou de alguma lenda.

Não se esqueça de que suas narrativas devem apresentar as seguintes partes:

- Apresentação (descrição das personagens, tempo e espaço)
- Complicação (início do desequilíbrio da história)
- Clímax (ponto máximo de tensão)
- Desfecho (revelação inusitada, surpreendente)

Habilidade trabalhada

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Resposta comentada

Na atividade de escrita, os alunos terão a oportunidade de trabalhar a língua na modalidade escrita. Como sabemos, o principal papel da escola é trabalhar a língua escrita, desenvolvendo no aluno a proficiência na língua em uma de suas habilidades.